

JORNAL: Diário de Notícias
DATA: 28-09-68
LOCAL: Guanabara
TÍTULO: O Número na Pintura de Ivan Serpa
AUTOR: Frederico Moraes

14

a cópia
está no envelope
lofe das
entrevista

O NÚMERO NA PINTURA DE IVAN SERPA

Seurat, um dos primeiros pintores modernos a encarar cientificamente a criação artística, afirmou certa vez "O que eu faço não é poesia. Eu tenho o meu método, isto é tudo." O pintor neo-impressionista, que foi sem dúvida, um dos primeiros artistas construtivos no âmbito da arte moderna, pesquisou a cor segundo a psicologia e fisiologia da visão. Este era o seu método.

Ivan Serpa, um dos pioneiros da arte concreta no Brasil, tem também um método, que aplica rigorosamente, apesar da diversidade dos resultados, e mesmo que não agradem ao grande público (e isto, aliás, parece ter ocorrido na sua atual exposição na galeria Bonino, pois o artista não vendeu nenhum dos trabalhos expostos). Serpa, com efeito, estrutura seus quadros numericamente — esta relação pode ser por exemplo, 2.1.1.2 ou 4.3.2.1.1.2.3.4. — em função dos objetivos a serem alcançados. Estes podem ser o choque de direções, a vibração ótica, as torções especiais, a virtualidade de linhas ou espaços, as deformações ótico-espaciais. As torções do espaço, que resultam, também, da posição do espectador diante do quadro, estão como que a sugerir um desdobramento de suas atuais pesquisas no próprio ambiente, isto é, saírem da parede e da tela para o chão e o Objeto. Em alguns casos quase chegamos à idéia de permutação de formas que se desdobram, se fundem ou superpõem (claro que apenas na virtualidade). A simetria, o segmento áureo são igualmente empregados pelo pintor no desejo de dar à sua pintura um caráter firmemente construtivo e "clássico". No caso de Ivan Serpa, contudo, trata-se de uma estrutura aberta, dinâmica, cujo desabrochar ou "viver" inclui o espectador (i, é, suas várias posições, diante da obra) e que, como tal, nega a u-

nilateralidade da sua sustentação na parede. Não sendo figurativa, a sua "composição" não exige o lado, ou a linha horizontal. Assim é que, freqüentemente, os quadros de Serpa são losangulares e a mildura, sendo de metal e não alteando-se às bordas da tela, praticamente inexistente, ou seja, não chega a constituir-se numa separação arrogante entre o espaço interno e o externo, o que seria prejudicial. Deste modo, o quadro de Ivan Serpa exige uma contemplação dinâmica para ser alcançado nas suas múltiplas implicações.

NÚMERO CROMÁTICO

Mas não é apenas em relação à forma que Serpa se vale de relações numéricas. Em sua nova pintura, não seria de todo descabido falar-se de um número cromático, pois, nele, a forma segue a cor e vice-versa. Usando de preferência o verde (é a fase amazônica), Serpa estabelece uma escala tonal — verde-cinco, verde-quatro, etc.

Assim, no seu trabalho de maior porte, enquanto sobre o tom do branco (vai ficando mais "cinza"), a cada nova forma, desce o tom do verde, portanto, numa relação inversa. Esta gradação numérica da cor, aliás, verifica-se em quase toda a sua obra. Mas não é só. Como sempre, ocorre com Serpa, ele não usa a técnica, mas transcendendo-a, encontra a adequação perfeita com o todo do quadro. As vezes para espalhar a cor, usa o pincel, às vezes a espátula. Não por designios artesanais, mas para alcançar seus objetivos claramente definidos. Usando o pincel, Serpa dá a cor um sentido mais compacto, aplicando-a com espátula, abre a cor, permitindo que a luz penetre na tela, fazendo-a vibrar. Serpa só usa a cor pura, — como a tinta sai do tubo — ou a mistura muito raramente com o branco. E tinta a óleo, ainda que não pareça. Da mesma maneira, Serpa sabe, como Joseph Albers, que em matéria de cor, um e um podem ser três, pois da inter-relação de duas

cores pode surgir uma terceira.

Nada, portanto, de fortuito ou de ocasional. Serpa tem o seu método e aplica-o conscientemente.

EXPOSIÇÃO PARA RAINHA

A Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico está organizando uma exposição para ser montada por ocasião da visita da rainha Elisabeth ao Brasil. A mostra reunirá obras de pintores ingleses no Brasil, ou melhor, que trabalharam no Rio de Janeiro no século passado. Serão expostas gravuras de Emerie Vidal, Chamberlain, Robert Pollard, Frederico Briges, Marguerite Tolemache, James Henderson, W. Alexandre, Maria Graham, I. Whefsell, D'arcy, Augustus Earle, C. L. Hall, Charles Bentley, Serwin e W. Wilson.